

aura da Ventura e o furacão da Desgraça. Nem a uma, nem a outra devemos dar importância maior; cumpre-nos fruir a efêmera felicidade, como suportar os não menos fugazes reveses, com o olhar posto em esferas mais elevadas, para onde o Espírito voa, deixando à destruição o invólucro provisório. Construamos, pois, com vistas à Eternidade; nem a obra do Senhor de todos os seres se firmaria em tão perecível fundamento, quais as ilusões da Terra.

— /// —

— 48 —

Soneto XI

5-12-1946

*Louvores não entoas ao pego impuro
De vaidades cruéis e vis mentiras,
Sublime e casta Musa, que suspiras
Pela Terra perfeita do futuro.*

*Patrocina-me o plectro mal seguro,
Pobre arrabil ao pé de doutas liras;
Alimenta a esperança, que me inspiras,
Nos páramos ditosos que procuro.*

*Ninfa maravilhosa, vem comigo,
Concede ao vate humilde, que te adora,
O niveo braço, o terno peito amigo!*

*Guia-me o passo incerto vida a fora!
Abre-me as portas do Divino Abrigo,
Vênus Celeste da Divina Aurora!*

Aconselha o poeta que não devemos dedicar a inteligência às coisas mesquinhias, mas aspiremos a um mundo melhor, sonhando um planeta perfeito, onde viva-

— 49 —

mos, depois de expulsos da Terra os Espíritos inferiores; peçamos do Alto forças para continuarmos a nutrir bons sentimentos, na esperança de atingir a perfeição. Essa aspiração não é mero desejo de afastamento do lodoso círculo em que vivemos; reflete, antes, a necessidade, que sente o poeta, de combater todo mal, a fim de que sejamos dignos do estado a que aspiramos e a que devemos aspirar, por nosso próprio benefício: assim se cumprirá a lei do progresso do indivíduo e do meio. O novo estado, mais evolvido, é qual outra aurora, em cujo horizonte deverá brilhar a estrela matutina, abrindo as portas do Divino Abrigo. Daí decorre, outrossim, a responsabilidade de cada um de nós em qualquer posição que ocupemos na sociedade: respondemos não só por nós mesmos, senão também pela coletividade. Pensamentos, palavras e obras são instrumentos por vezes mais vivos e eficazes do que os materiais; devem ser, de conseguinte, postos a serviço da Lei Divina, que é construtiva, antes que do regime da força, que destrói.

— // —

Soneto XII

6-12-1946

*Estro frágil, sem louros, jamais tente
Engrandecer, em míseros cantares,
Os imensos impérios estelares
Do Teu Reino de Luz Resplandecente.*

*Louvem-Te a glória excelsa eternamente
Andrómeda, Altair, Sírius e Antares,
Paraísos suspensos, almos lares,
Que balançam na abóbada luzente!*

*Quem dirá dos mistérios que proclamas
Em turbilhões de sóis, uno e disperso,
Dos Teus castelos de sagradas chamas?*

*Emudeçam as notas de meu verso!
Glorifique-Te o amor com que nos amas,
Nas mais remotas plagas do Universo!*

O poeta encerra este curso com um grandioso hino de louvor a Deus. Jamais serão os poemas humanos dignos de cantar a glória do Criador: só as estrelas podem celebrar a obra do Onipotente. Pequeno é tudo diante da Majestade Divina; e o verso deve emudecer. A glorificação única ao Ente Supremo seja o Amor que Ele nos consagra, pois nem mesmo o nosso amor ao Pai